

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Moacir dos Anjos
Efrain Almeida

Moacir dos Anjos

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Moacir dos Anjos
Efrain Almeida

CHAGAS ABERTAS E BELEZAS IMPOSSÍVEIS

A obra de Efrain Almeida se fez conhecida, a partir de meados da década de 1990, por pequenas esculturas de madeira com detalhes pintados, ainda que outras poucas práticas e materiais fossem também já empregados em sua atividade artística, como aquarela e tecido. É conciso, ademais, o número de temas ou questões com os quais desde então lida, criando formas sensíveis para uma memória que quer atar o que é do indivíduo e o que é da vida coletiva. Em muitos de seus trabalhos, o artista toma a si próprio como modelo, reproduzindo, em quase miniaturas, seu corpo inteiro ou partes dele, concedendo-lhes um tom abertamente confessional. É exemplar desse procedimento a escultura *Espectador Douro*, em que faz cópia reduzida de si mesmo em madeira e pintura: de pé, despido, com as mãos voltadas para trás e olhar dirigido ao alto e adiante, como fosse testemunha – simultaneamente vulnerável, implicada e confiante – do mundo que passa à frente.

Também faz parte de seu repertório a recriação, em escala diminuta e delicada, de casas e roupas. Talvez tentativa de ativar, no campo da lembrança e do simbólico, aquilo que, a despeito do quão ordinário ou até provisório seja, é o que faz das vidas experiências tão singulares quanto irremediavelmente fraturadas. Como na cópia reduzida em madeira que um dia fez da casa onde residiam seus pais e onde passou a infância. Embora meticulosa nos detalhes esculpidos, as janelas e portas da morada – *Casa (Olho d'água)* – são representadas fechadas, sem qualquer sinal aparente da vida passada ali. Menos a representação eloquente de um lugar de vivências passadas e mais sua abstração em formas mudas. Ou como em *Vestido (coroa de espinhos)*, peça feita de fino tecido rosa envolto por espinhos e apoiado em estrutura interna que simula os contornos alongados de um corpo humano – evocação simultânea de usuais apoios para costura e de armações de santos de roca comuns em procissões. Não há muita distância, na obra de Efrain Almeida, entre a dor ordinária e o sofrimento religioso que o frágil arranjo lembra.

Igualmente recorrentes em sua trajetória são os trabalhos em que figuram animais encontráveis na sua região de origem, o sertão do Ceará: o gato que por anos viveu na casa dos pais, as ovelhas e as cabras ali criadas e que conseguia nomear uma a uma, e os muitos outros bichos – pintos, cachorros, coelhos, pássaros – que desde menino aprendeu a reconhecer, distinguir e incluir na paisagem de sua vida comum. Em um dos primeiros trabalhos que os retrata em madeira e tinta – *Carneirinho com mãos com chagas* –, mãos feridas se projetam da parede para acolher e proteger o pequeno animal. Cena que parece afirmar,

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Moacir dos Anjos
Efrain Almeida

já no início de seu percurso, a vontade de defender território simbólico que lhe é caro, no qual se avizinham o mundano e o sagrado.

A despeito do quão materialmente atraentes sejam essas representações de animais, há em todas um misto de graça e tristeza, resultado do encantamento e do desacordo com o ambiente novo em que são inseridos depois de retirados da companhia de seus modelos naturais. Como no trabalho *Odilon*, feito de organza de seda quase transparente que lembra cortina comum de casa e na qual o artista borda, em pontos diversos, figuras de mariposas de diferentes cores e tamanhos. Articulando a distância longa que une a terra natal do artista aos vários outros lugares por onde já passou, além de atar o tempo extenso que separa sua infância de uma existência madura, esses bichos invocam um éden afetivo que não existe na vida adulta, e que não há mais portanto como recompô-lo, restando apenas a possibilidade de rememorar-lo de quando em vez.

Em inícios da década de 2010, Efrain Almeida alarga os procedimentos de feitura de formas que usa, passando a fundir, em bronze, moldes de figuras escavadas na madeira, pintando em seguida as esculturas assim produzidas. Um dos trabalhos que talvez melhor representem essa mudança construtiva – evocando, ao mesmo tempo, uma memória sempre buscada e impossível de ser plenamente retida – é a instalação *Uma coisa linda*, formada por uma centena de passarinhos feitos do metal fundido e pintados de preto, cinza, branco e vermelho, a simular os galos-de-campina comuns no Nordeste do Brasil. Estão todos dispostos aleatoriamente sobre o piso, tal como Seu Lô, o pai do artista, uma vez os viu pousados e reunidos, alimentando-se do que havia no chão do quintal de sua casa. Imagem que, ao descrevê-la ao filho, provocou a interjeição que dá título ao trabalho e que Efrain Almeida tenta reconstruir como cena suspensa no tempo. Tentativa inevitavelmente frustrada, mas simbolicamente coesa, para que tal arranjo, testemunhado durante um breve instante pelo pai – falecido um ano após ter descrito ao filho a cena vista –, não seja dispersado. Tentativa de congelar o momento em que se reconhece que algo raro se passou à frente dos olhos e se inscreveu no corpo como afeto duradouro. Afeto que é oferecido a quem se acerca do trabalho e no qual se inscreve mais do que lembrança de um encontro entre pessoas próximas, sendo também apelo para outras recordações de beleza.

A presença do galo-de-campina no lugar de origem de Efrain Almeida (ou cabeça-vermelha, como é igualmente conhecido ali) foi cantada em 1950 por Luiz Gonzaga no baião *Estrada de Canindé*. Ao descrever a paisagem de caminhos sertanejos por onde não passam automóveis – “Quem é rico anda em burrico / Quem é pobre anda a pé” –, anota aquilo que somente o viver desacelerado permite ao olho registrar, como o orvalho “beijando as flô”. É esse personagem

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Moacir dos Anjos
Efrain Almeida



Efrain Almeida: Instâncias do olhar, 2017

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Moacir dos Anjos
Efrain Almeida

andarilho da canção quem “Vê de perto o galo campina / Que quando canta muda de cor”. Personagem que poderia bem ser, em sua juventude, Seu Lô atravessando as estradas rurais do município cearense de Boa Viagem, onde morou quase toda a vida, no extremo sul do sertão do Canindé.

O galo-de-campina é, contudo, pássaro migrante. Voa com frequência para longe dali, em direção à parte sul do país. Como muitos dos habitantes do Nordeste brasileiro. Como o próprio artista, que decidiu se radicar no Rio de Janeiro, onde vive. Mas de onde voltava, com frequência, para o lugar do começo: para visita compassiva e para trabalhar com o pai em novas esculturas de madeira, posto que o ofício de vida de Seu Lô era ser carpinteiro. Esses percursos de bichos e gentes foram também cantados, por Luiz Gonzaga e vários outros artistas, em músicas que davam notícia de um trânsito não raro dolorido, ainda quando necessário e urgente: “Por falta d’água perdi meu gado / Morreu de sede meu alazão. / Inté mesmo a asa branca / Bateu asas do sertão. / Entonce’ eu disse: adeus, Rosinha / Guarda contigo meu coração”. Não foi à toa que, ao iniciar o relato da visão que teve dos galos-de-campina em seu quintal, o pai de Efrain Almeida anunciou com alegria: “eles voltaram”. E testemunhar o retorno – de passarinhos ou de pessoas próximas que migram – é sempre melhor do que acompanhar partidas. *Uma coisa linda* é exuberante relato visual de um acontecimento doméstico e simultânea lembrança, no campo do sensível, de gente que se lança – por querer ou por necessidade – em jornadas de arribação.

Essas travessias não possuem, todavia, resultado certo. Por vezes, não é possível retornar. Por vezes, a caminhada ou voo se estancam de modo que não há mais volta ou mesmo possibilidade de seguir. Na escultura *Sem título*, o artista apresenta a figura de um único galo-de-campina que se queda deitado, certamente morto, sobre um tablado de madeira muito maior que ele. Imagem de desolação individual que contrasta com a coletividade viva do grupo de cabeças-vermelhas retratados no outro trabalho. Sentimentos de fim, de dor e de perda igualmente invocados na escultura *Assum preto (remixed)*, referência ao pássaro negro que, comum ao território dos galos-de-campina e cantador noturno, no passado tinha seus olhos furados por espinhos para que, cego, trinasse também durante os dias. Destino que, novamente, é Luiz Gonzaga quem canta: “Talvez por ignorância / Ou maldade das pió / Furaro os óio do Assum Preto / Pra ele assim, ai, cantá mió”. Nesse trabalho, Efrain Almeida figura dois assuns pretos que, com seus pés fincados ao chão, carregam nos bicos o que parece ser representação de lágrimas. Lágrimas feitas de prata polida que refletem o entorno e fragmentos dos corpos de quem se aproxima da escultura de bronze escurecido com tinta, implicando qualquer um em tudo que possa estar ali simbolizado.

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Moacir dos Anjos
Efrain Almeida

Em mais trabalhos, outras aves são esculpidas e fundidas em bronze, sendo depois pintadas em cores que se querem fiéis aos modelos naturais. Como os beija-flores, pássaros que batem asas tão rápido – até oitenta vezes por segundo – a ponto de mal ser possível que o olho humano consiga acompanhar o movimento de abri-las e fechá-las. E que conseguem, por tal habilidade e pelo formato de suas asas, manter-se no ar quase parados, além de voar para trás. Em uma sequência de dez esculturas que Efrain Almeida faz deles – conjunto que compõe o trabalho *Voando* –, os beija-flores são, porém, capturados em diferentes estágios dessa veloz agitação de asas. Alinhando-os horizontalmente sobre a superfície plana de uma parede – todos com os bicos longos e finos presos a ela –, parece querer desacelerar aquele voo para ser possível examinar com vagar alguns de seus muitos estágios. Tal como fossem fotogramas retirados do trecho de um filme, as esculturas evocam, contudo, movimento intenso mesmo sendo feitas de matéria inerte.

Em *Bando de beija-flores*, por sua vez, não há mais alinhamento dos mais de vinte passarinhos fixados em pleno voo e agrupados em quase desordem sobre a parede. A imobilização do tempo rápido de seus movimentos permite, todavia, que o olhar de novo passeie com calma em torno do que é vedado a ela na vida natural. Já nas esculturas integrantes da série *Pouso*, o artista reproduz beija-flores assentados em pequenos galhos de árvores, quando é muito mais frequente observá-los no curso de seu voo singular e agitado. De maneira similar ao trabalho que congela a visão fugaz dos galos-de-campina pousados no chão, há, na reprodução dessas cenas de descanso, o desejo de fixar, em substância dura, a imagem de algo que é raramente observado. São esculturas que lembram o poder que a arte tem de refrear a mirada que usualmente se lança ao que existe à volta, fazendo com que se enxergue outra vez, e de modo diverso, o que se pensava já conhecer.

Aos beija-flores são comumente associadas características como graça, energia e beleza. Em algumas tradições religiosas, entretanto, são também tidos como pássaros capazes de transitar entre o mundo espiritual e terreno, sendo a eles designada a missão de entregarem, a quem precisa, mensagens de conforto, cura ou renascimento. Põem mulheres e homens comuns em contato com o espírito maior que, para muitos, rege o mundo. São pássaros benfazejos que parecem carregar, no cintilante e quase perturbador colorido que emana de seus corpos diminutos, marcas de algo transcendente. As cores vistas nos beija-flores, e com as quais o artista busca pintar suas esculturas, não são, contudo, as que de fato trazem em suas penas, mas resultado de fenômeno ótico – iridescência – que faz com que a luz solar que incide sobre elas se reparta em prisma multicolorido. Fenômeno semelhante ao que explica a formação dos arco-íris, quando

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Moacir dos Anjos
Efrain Almeida

nuvens refratam, em várias cores, os raios de sol que as atingem e atravessam. A aparência colorida desses pássaros depende, portanto, da intensidade da luz ambiente, da umidade do ar, da consistência de suas penas e de outros fatores que possam afetar a operação física que faz multiplicar uma cor em tantas.

Em um conjunto de aquarelas que compõem a série *Prisma*, Efrain Almeida busca, em tentativas sabidamente falhadas – posto que seriam quase infinitas as possibilidades de realizar tal exercício –, representar beija-flores imersos nas cores que, a cada momento, os podem habitar e definir, sem com elas se confundirem. Beija-flores feitos de tons de branco, preto e cinza inseridos em composições que aproximam violeta, anil, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho. Mesmo que os pássaros pintados pareçam destacados desses ambientes acesos, é à sua penugem cromaticamente rebaixada que se deve, nos beija-flores vivos, a percepção desses feixes de intensas cores que cobrem os trabalhos. Representação que quer articular, sobre o papel poroso das aquarelas, o que de fato é separado. Se os beija-flores são pássaros-mensageiros que atam céu e terra, são igualmente seres que a luz atravessa para criar o que não existia ainda.

Esses campos pintados e justapostos aparecem, ademais, em aquarelas nas quais o artista se retrata misturado a eles: às vezes na companhia de um beija-flor, como em *Na minha mente (febre)*, por vezes sozinho, como em *No meu corpo (febre)*. Há, também, trabalhos dessa série em que apenas partes de sua anatomia são pintadas envoltas por um espectro largo de cores, como em *Nas minhas mãos (febre)* e em *Nos meus olhos (febre)*. Referência repetida a uma condição febril que, por se manifestar em meio a formações de imagens inventadas e de cores variadas, parece remeter a um estado alterado de percepção do mundo característico das *mirações* – visões espirituais alcançadas por meio da ingestão da Ayahuasca, bebida produzida com plantas amazônicas e utilizada em cerimônias religiosas locais. Assim como os beija-flores, a Ayahuasca aproxima dimensões distintas e distantes da existência e permite ver o que não existe na vida comum. São encontros irresolutos entre mundos diferentes – terrenos ou espirituais – que Efrain Almeida representa nessas esculturas e aquarelas.

Há mais um outro pássaro com frequência representado pelo artista em seus trabalhos, e que robustece, pelas características que o definem, essa ideia de cruzamentos. Trata-se do corupião, ave de penugem alaranjada, preta e branca e encontrável em várias partes do Brasil. No Ceará, é também conhecido por “sofreu”, relembrando a associação entre as condições de vida dos animais e das pessoas da região. Um dos predicados mais marcantes do corupião é sua capacidade de imitar, com seu canto, sons diversos emitidos por outros pássaros ou mesmo por gente. Capacidade de mimetizar o outro, alterando o escutado para coisa somente sua, e que parece adequada como modelo de procedimentos

Título
Data
Publicação

Uma coisa linda
2023
ANJOS, Moacir dos; CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa. *Efrain Almeida: uma coisa linda*. BZ Soluções criativas.

Autor
Artista

Moacir dos Anjos
Efrain Almeida

culturais próprios da formação do Brasil. O canto como sotaque, como inflexão particular do vivido. Não é por nada que Efrain Almeida o tenha pintado em aquarelas – *Corrupção (up)*, *Corrupção (mandacaru)*, entre outras – de margens demarcadas por linhas de cor que se sucedem umas às outras ritmicamente, em alusão possível a uma tradição construtivista central, no passado, à consolidação de uma arte inventada no país. Referência que se explicita na escultura feita em bronze *O exótico*, na qual o que era antes a moldura pintada das aquarelas se transmuta em linhas multicoloridas que definem o espaço de um cubo vazado, usado pelo corrupção como poleiro. Corrupção que agora não está mais enquadrado no plano regrado da tradição de fora, mas simbolicamente livre para deslocar-se para além dela, construindo o que lhe pareça voo próprio e apropriado.

As narrativas sugeridas pelo artista nesses tantos e em outros trabalhos feitos de imagens e formas humanas e de bichos podem ser tomadas, nos sentidos aqui sugeridos, como ficções do Brasil. Ou de partes dele. Ou de momentos dele. Tão inventadas e quebradas quanto quaisquer outras histórias que queiram contar o que houve ou que há de específico no país. Narrativas que partem, contudo, do reconhecimento de pistas que escapam a olhares e ouvidos desacostumados a ver e a escutar o que existe perto de cada um. Ou do lugar de nascimento sensível de cada um, como indivíduo e como parte de um conjunto de gentes. A terra onde Efrain Almeida nasceu é conhecida, em tupi, como Inhamuns. E se há quase nenhum registro sobre as características de seus ascendentes mais longínquos desse território, sua obra convoca seu corpo e animais diversos para inventar essa memória faltante. Oferece seus trabalhos como prova de pertencimento a um lugar onde convivem, em proximidade e conflito, chagas abertas e belezas impossíveis.

Moacir dos Anjos